



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO  
JORNALISMO

**SILENCIADAS: A VOZ DA MULHER NEGRA EM FORMATO DE PODCAST**

**THAYNARA DA SILVA LIMA**

Rio de Janeiro

2019



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO  
JORNALISMO

**SILENCIADAS: A VOZ DA MULHER NEGRA EM FORMATO DE PODCAST**

Monografia submetida à Banca de Graduação  
como requisito para obtenção do diploma de  
Comunicação Social – Jornalismo.

**THAYNARA DA SILVA LIMA**

**Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Danieli Christovão Balbi**

**Coorientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Chalini Torquato Gonçalves de Barros**

Rio de Janeiro

2019

## FICHA CATALOGRÁFICA

LIMA, Thaynara da Silva

SILENCIADAS: A voz da mulher negra em formato de podcast.  
Rio de Janeiro, 2019.

Monografia (Graduação em Comunicação Social – Jornalismo),  
Escola de Comunicação – ECO –, Universidade Federal do Rio de  
Janeiro – UFRJ.

Orientador(a): Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Danieli Christovão Balbi

Coorientador(a): Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Chalini Torquato Gonçalves de Barros

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

**TERMO DE APROVAÇÃO**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia a Monografia **SILENCIADAS: A voz da mulher negra em formato de podcast**, elaborada por Thaynara da Silva Lima

Monografia examinada:

Rio de Janeiro, no dia ...../...../.....

Comissão Examinadora:

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Danieli Christovão Balbi  
Doutora em Ciência da Literatura - UFRJ  
Departamento de Métodos e Áreas Conexas - ECO/UFRJ

Coorientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Chalini Torquato Gonçalves de Barros  
Doutora em Comunicação e Cultura Contemporâneas - UFBA  
Departamento de Métodos e Áreas Conexas - ECO/UFRJ

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Fernanda Ariane Silva Carrera  
Doutora em Comunicação pela Universidade Federal Fluminense(UFF)  
Departamento de Métodos e Áreas Conexas - ECO/UFRJ

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Andreza de Lima Ribeiro Teixeira  
Doutora em História Social da Cultura pela PUC-Rio  
Pró-Reitoria de Políticas Estudantis - PR7

Rio de Janeiro

2019

*Dedico este trabalho primeiramente à minha mãe, Elizângela Firmiano da Silva e meu pai, Luiz Claudio dos Santos Lime. Saibam que é por vocês, que hoje finalizo esse ciclo.*

*Dedico também ao meu lindo sobrinho Sam Rychard, que me faz muito feliz e mesmo sem saber, ajudou a aliviar a pressão da graduação.*

*Dedico à minha avó Loide Lima, que vai continuar a dizer para todos por aí que tem uma neta jornalista. E à minha avó Maria de Lourdes Firmiano da Silva (in memoriam)*

*Dedico a minha tia Ana Paula Assine (in memoriam) que foi a primeira pessoa a perceber a veia jornalística em mim. Cheguei aqui também graças a ela.*

*E por último, mas não menos importante, dedico a minha querida e amada esposa, Edilaine. Mulher da minha vida e que me deu forças para seguir com essa jornada mesmo quando eu achava que não seria mais capaz.*

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus e Nossa Senhora Aparecida, a quem sempre rezei e pedi iluminação antes e durante essa jornada.

Agradeço aos meus pais, irmãos, sobrinho e avó que estiveram presentes em toda minha jornada acadêmica e foram mais do que importantes para a minha formação.

Agradeço a minha esposa, Edilaine Pereira, que me acompanhou demais no fim dessa jornada. Foi ela quem viu de perto minhas angústias, mudanças de tema e evolução. Sempre me auxiliando em tudo que era possível fosse com equipamentos e mão de obra ou com um abraço apertado de confortando-me sempre que eu achava que não daria mais.

Agradeço às professoras Chalini Torquato e Danieli Balbi por suas orientações e por aceitarem trabalhar comigo esse tema.

Agradeço também ao meu orientador extra oficial Leonardo Figueiredo, que me auxiliou com empréstimos de livros, sugestões de vídeos, textos, temas e tudo que fosse relacionado ao meu tema.

Agradeço aos amigos que fiz nesse período corrido e conturbado que chamamos de graduação. Tenho certeza que meus dias seriam menos coloridos sem vocês.

Agradeço às participantes do podcast por disponibilizarem parte do seu tempo e compartilharem suas histórias.

Agradeço ao período em que fui estagiária da CoordCOM, onde aprendi muito com minha ex-chefe Andreza Ribeiro, com quem aprendo até hoje.

Agradeço a UFRJ por me permitir crescer de forma social e acadêmica. Me proporcionando debates diversos que farão parte da minha vida para sempre.

À cada pessoa que passou por minha vida, que acreditou em mim ou que mesmo sem saber, me fez sentir esperanças suficientes para continuar, fica o meu muito obrigada.

LIMA, Thaynara da Silva. **SILENCIADAS: a voz da mulher negra em formato de podcast.** Orientadora: Danieli Christovão Balbi. Coorientadora: Chalini Torquato Gonçalves de Barros. Monografia (Graduação em Comunicação Social – Jornalismo). Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 2019.

## RESUMO

O podcast SILENCIADAS surge com a intenção de potencializar a voz da mulher negra na sociedade. Este trabalho tem como objetivo principal discorrer sobre as questões que intensificam o silenciamento da mulher negra na sociedade branca, racista, patriarcal, machista, misógina e heterossexista. A forma escolhida foi o trabalho prático, para a criação de uma podcast voltado para mulheres negras, sem necessariamente falar sobre racismo. O SILENCIADAS quer mostrar que essas mulheres podem (e vão!) falar sobre os mais diversos assuntos, não apenas de preconceito sofrido por causa do cabelo. A fundamentação teórica deste trabalho serve como base para discutir as questões que envolvem a interseccionalidade da mulher negra e apresenta dados que confirmam que as formas de silenciamento são muito maiores.

**Palavras-chave:** Podcast; Mulheres negras; Interseccionalidade; Racismo; Machismo.

# SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO
2. GÊNERO E RAÇA: O PASSADO DA MULHER PRETA
  - 2.1. O que é ser uma mulher? Estereótipos e apagamento
  - 2.2. Interseccionalidade e racismo estrutural
  - 2.3. “Falar não se restringe ao fato de emitir palavras, mas de poder existir.”
3. SILENCIADAS: A VOZ DA MULHER NEGRA, EM FORMATO DE PODCAST
  - 3.1. Por que criar esse podcast?
  - 3.2. Produção e pós-produção
  - 3.3. Desafios e bastidores
4. CONCLUSÃO
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS



## 1. INTRODUÇÃO

SILENCIADAS é um podcast criado para potencializar a voz da mulher negra. Este trabalho tem como objetivo principal explicar e dissertar sobre a questão do silenciamento da mulher negra na sociedade. Silenciamento esse que acontece desde o início do uso da mão de obra escrava até hoje, na segunda década do século XXI. Este trabalho critica a dubiedade do tratamento da mulher negra e seu papel social. Ao mesmo tempo em que ela é vista e tratada como “forte”, também é tida como “incapaz”. Isso se deve ao fato de que a força pejorativamente atrelada a esta mulher é a força bruta, braçal. A força da escrava lavadeira, da escrava que além de trabalhar do nascer ao pôr do sol na lavoura ainda cuidava dos filhos. A ela e à sua potência intelectual e emocional, historicamente, nunca foi dado o devido valor.

Por outro lado, a realidade grita dados violentos. As mulheres negras são mortas 2,13<sup>1</sup> vezes mais do que as mulheres brancas. Os dados do Atlas da Violência mostram que o número de feminicídio contra mulheres brancas diminuiu, enquanto o sofrido por mulheres pretas aumentou<sup>2</sup>. Quando incluímos mulheres transsexuais nesses números, o Dossiê dos Assassinatos e Violência contra Travestis e Transsexuais mostra que 82% das pessoas trans mortas em 2018 são negras<sup>3</sup>. Além de dados de violência, dados relacionados ao mercado de trabalho também são utilizados para justificar a existência deste podcast. O referencial teórico contribuinte do trabalho discorre acerca de silenciamento, racismo, machismo, interseccionalidade e racismo estrutural. Quem fala pela mulher negra, se ela não tem voz?

O relatório apresentado a seguir possui o enfoque maior na fundamentação teórica da temática do podcast, que é a mulher negra, do que no formato em si. Usando uma bibliografia majoritariamente negra e feminina, pois essas vozes aqui também são valorizadas, o trabalho se propõe a analisar a vivência da mulher negra na sociedade em geral, começando pelas histórias do período escravocrata e sua herança, para com a mulher negra. Passando pelo período pós-escravidão e pela luta das mulheres (brancas) pelo direito ao voto e ao trabalho, em contraponto ao fato de que as mulheres negras já trabalhavam desde muito cedo, passando pelo movimento negro e pela voz do homem negro como protagonista dessa luta, dissertando também sobre o século XXI, para tratar a importância de visibilizar a interseccionalidade.

---

<sup>1</sup> Dados do Atlas da Violência. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/download/19/atlas-da-violencia-2019>

<sup>2</sup> Idem ao 1

<sup>3</sup> Dados da ANTRA. Disponível em: <https://antrabrasil.files.wordpress.com/2019/01/dossie-dos-assassinatos-e-violencia-contra-pessoas-trans-em-2018.pdf>

A fundamentação teórica deste trabalho está dividida em três subcapítulos. Iniciamos com uma contextualização histórica referente às mulheres negras no período escravagista. A contextualização é baseada no livro de Angela Davis, *Mulheres Raça e Classe*, apesar de ser um livro basicamente sobre o período escravocrata estadunidense, o livro foi usado como referência para que os leitores pudessem perceber as semelhanças entre os períodos em países distintos. Já no subcapítulo 2.1 discorre-se sobre a temática feminilidade e como ela é atrelada (ou não) a mulher negra. Porque uma menina negra é vista como menos frágil que uma menina branca? Porque as questões feministas nem sempre têm a ver com as necessidades da mulher negra? Autoras como Maria Aparecida Bento, Sueli Carneiro, Djamilia Ribeiro estão presentes no tópico para discutir essas questões.

O capítulo também trata de interseccionalidade e racismo estrutural, com os autores Carla Akotirene e Silvio Luiz de Almeida, como principais nomes para falar dos assuntos. Nesta temática, referências de Audre Lorde, e Kimberlé Crenshaw também se fazem presentes. O tópico discorre sobre como a interseccionalidade e o racismo estrutural afetam a vida da mulher negra. Para finalizar o capítulo, há uma discussão sobre lugar de fala e formas de silenciamento da mulher negra.

No capítulo referente ao relatório do podcast, é apresentado um perfil do ouvinte brasileiro de podcast e mostra-se como o público que o SILENCIADAS busca atingir é completamente diferente do público que hoje é maioria. Além disso, há também histórias que foram importantes para a escolha do podcast SILENCIADAS da forma que ele é e informações referentes ao material entregue junto ao relatório, como por exemplo, relatos das gravações, histórias sobre a aceitação do podcast pelas participantes, entre outras informações de produção, pós-produção e bastidores.

## 2. GÊNERO E RAÇA: O PASSADO DA MULHER PRETA

Para pensar o silenciamento da mulher negra em nossa sociedade, é necessário ir mais longe na busca por entender o papel social desta mulher, sem deixar esquecer a intersecção onde a mulher negra está inserida, por se tratar de uma oprimida de raça e de gênero. Muitas vezes, também de classe, tendo em vista a dívida histórica da escravidão.

Durante o período escravagista, as mulheres negras, ao contrário das brancas, eram vistas como tão fortes quanto os homens negros. Não havia distinção de gênero, quando se tratava do escravo. Os senhores em suas fazendas forçavam o sexo entre homens e mulheres negras e as tratavam como meras reprodutoras, visto que o filho daquela escrava seria escravo a partir de uma certa idade. Como escrava, a mulher negra mal tinha o direito de amamentar seu filho, visto que passava o dia inteiro nas plantações trabalhando do nascer ao pôr do sol. Muitas vezes essas mesmas eram pegadas como amas de leite para os filhos brancos dos seus senhores.

Nas palavras de um acadêmico, “a mulher escrava era, antes de tudo, uma trabalhadora em tempo integral para seu proprietário, e apenas ocasionalmente esposa, mãe e dona de casa”. A julgar pela crescente ideologia da feminilidade do século XIX, que enfatizava o papel das mulheres como mães protetoras, parceiras e donas de casa amáveis para seus maridos, as mulheres negras eram praticamente anomalias. Embora as mulheres negras desfrutassem de alguns duvidosos benefícios da ideologia da feminilidade, não raro presume-se que a típica escrava era uma trabalhadora doméstica – cozinheira, arrumadeira ou mammy na “casagrande”. Pai Tomás e Sambo sempre tiveram como companheiras fiéis Tia Jemima e Mammy – estereótipos que pretendem capturar a essência do papel da mulher negra durante o período de escravidão (DAVIS, 2016, p.24).

Além de trabalharem desde muito novas nas plantações, as mulheres negras já eram postas em dupla jornada desde sempre, coisa que hoje em dia o feminismo branco reivindica como luta pelas mulheres. Além de trabalharem nas plantações, muitas das mulheres negras ainda tinham que cuidar da casa dos senhores, onde cozinham, limpavam e lavavam para as senhoras e senhores donos de escravos. A jornada dessas mulheres chegava a ser tripla, quando tinham família formada com filhos, pois, além de trabalharem sol a sol nas plantações e cuidarem da casa de seus senhores, ainda cuidavam de seus filhos e marido.

As mulheres negras sempre trabalharam mais fora de casa do que suas irmãs brancas. [...] Como escravas, essas mulheres tinham todos os outros aspectos de sua existência ofuscados pelo trabalho compulsório. [...] O sistema escravista definia o povo negro como propriedade. Já que as mulheres eram vistas, não menos do que os homens, como unidades de trabalho lucrativas, para os proprietários de escravos elas poderiam ser desprovidas de gênero. (DAVIS, 2016, p.24)

Mas, não só de trabalho e exploração reprodutiva vivia a mulher negra. A hipersexualização que hoje ainda persegue e atormenta as mulheres negras já era comum e ousado dizer que teve início a partir daí. Os homens brancos tinham curiosidades nos corpos negros curvilíneos. Na "mulher quente" que era diferente da que ele tinha em casa. A hipersexualização da mulher negra, que partiu do homem branco, fez com que mulheres brancas se tornassem ainda mais hostis em relação a mulher negra. Vendo-a como uma ameaça, um perigo. Sabe aquele ditado de que a vida imita a arte. O inverso acontece bastante. Não à toa, telenovelas e filmes com temática escravagista geralmente apresentam uma mulher negra por quem o homem branco senhor de escravos apresenta uma obsessão e sua esposa, também branca, sente ciúmes e quer matar. Na ficção, elas não chegam a matar, afinal, quase sempre a mulher negra voluptuosa é a coadjuvante amiga de uma mocinha branca, ou uma escrava boa que não faz mal a ninguém. No entanto, na vida real, muitas mulheres podem ter sido culpabilizadas e punidas por serem hipersexualizadas.

O ciúme doentio por parte das senhas era algo freqüente entre as negras escravas. Muitas senhoras agiam de extrema violência contra as negras por conta da sua beleza e pelos elogios dos maridos dado a elas. Há relatos de alguns casos que essas senhoras serviam “olhos, seios, mãos, e até mesmo vaginas assadas [...] à mesa de grandes senhores” (CHIAVENATO, 1987: 132). (SANTOS, 2015, p.4)

Realizando uma passagem rápida pelo tempo, mesmo após a abolição da escravatura, as mulheres negras ainda eram exploradas sexualmente, nos serviços domésticos e em trabalhos subjugados. Muitas mulheres negras eram obrigadas a trabalhar desde muito cedo, afinal a escravidão foi abolida, mas não houve um programa sequer que desse aos negros alguma condição de vida. A grande maioria sobreviveu de trabalhos irregulares com pouco recebimento. Sem ter onde morar e com trabalhos escassos, todos da família começavam a trabalhar cedo. Era costume que filhas fossem morar com famílias brancas ricas para realizarem serviços domésticos e terem o que comer. Quando as mulheres brancas iniciaram o movimento sufragista para que pudessem ter direito voto, ou quando lutaram pelo direito de sair de casa

para trabalhar, as mulheres negras já possuíam suas mãos calejadas por nunca terem tido a oportunidade de não trabalhar.

Em seu livro *Mulheres, raça e classe*, Ângela Davis conta um pouco sobre a Convenção de Seneca Falls, onde as mulheres abolicionista americanas deram o pontapé inicial para a luta pelos próprios direitos. Davis relata que as mulheres foram proibidas de participarem ativamente da convenção e a partir daí, ganharam alguns apoiadores e iniciaram um movimento na luta pelos direitos políticos e sociais. Na mesma época da Convenção de Seneca Falls, ocorreu a Conta Nacional de Pessoas de Cor Libertas, onde Frederick Douglas propôs o voto feminino e conseguiu mudar uma resolução, tornando-a mais abrangente para mulheres.

Davis segue falando sobre as lutas e conquistas das mulheres brancas burguesas e de classe média emergente da sociedade americana, mas em certo ponto foca na luta das mulheres da classe trabalhadora e das mulheres negras que desde sempre lutaram contra sua condição de escravizadas. Davis faz críticas ao movimento pois ele: “propunha uma análise da condição feminina sem considerar as circunstâncias das mulheres que não pertenciam à classe social das autoras do documento” (DAVIS, 2016, p. 71). A autora ainda volta a citar a ausência da preocupação com a mulher negra nessa luta, ressaltando que “não havia uma única mulher negra na audiência. Nem os documentos da convenção fazem qualquer referência às mulheres negras.” (Idem).

Angela Davis referia-se a uma convenção que aconteceu no século XIX, mas se formos colocá-la no mundo atual, as coisas ainda não mudaram tanto. Pense em uma novela comum, sem temática escravagista, e me diga quantas mulheres negras você vê em posição de poder, ou num filme, série. Tenho certeza de que nomes bem específicos vieram a sua mente: Thaís Araújo, na novela “Da cor do pecado”, Viola Davis, naquela série ou naquele filme. Pense um pouco mais atrás e verá que raras são as exceções. A própria Taís Araújo teve seu primeiro sucesso na TV como a escrava Xica da Silva. É assim que a dramaturgia quer retratar as mulheres negras: as escravas, as fogosas, as empregadas, as mães solteiras, bandidas etc.

## **2.1 O que é ser uma mulher negra? Estereótipos e apagamento**

Por que uma menina negra performa mais força e menos "feminilidade" que uma menina branca? Porque uma mulher negra, serve para ir para a cama e a mulher branca para levar ao altar? De onde vêm os estereótipos que retiram da mulher preta o gênero, que também a oprime?

Todos esses questionamentos podem ser considerados herança de um país escravocrata que por mais de 300 anos escravizou negros e negras tirando-lhes a dignidade e toda a força que tinham. Conforme citamos anteriormente, com Angela Davis, as mulheres negras escravizadas nunca foram vistas como mulheres, tiraram delas a feminilidade, hipersexualizaram e exploraram de todas as formas possíveis. Claudia Cardoso, doutora em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo, pela UFBA, discorre sobre a representação e influência negativa dos estereótipos da mulher negra.

Os estereótipos referentes às mulheres negras representam as distinções de gênero codificadas pelo racismo através de diferentes discursos e a sua historicidade é passível de ser apreendida pela investigação. Lélia Gonzalez propõe a investigação destes estereótipos negativos para visibilizar o impacto da violência dessas representações negativas sobre a vida de nós mulheres negras. (CARDOSO, 2012, p.125)

Quando o feminismo surgiu, com o objetivo de dar direitos iguais às mulheres, não foi pensando na mulher preta. As pautas do feminismo branco não são pensadas para a mulher negra. Muitas delas podem agregar valor, porém são pensadas por uma classe alta, ou classe média emergente de pele clara que não entende a importância da interseccionalidade. A feminista branca não sabe o que é ser uma mulher preta, nem mesmo quais são suas lutas. No texto *Branqueamento e Branquitude no Brasil*, da psicóloga Maria Aparecida Silva Bento, ela faz um relato que muito bem representa a invisibilidade da mulher preta dentro do movimento feminista:

Mulheres de todas as centrais sindicais, assessoras do poder público, pesquisadoras de reconhecidos institutos de pesquisa, consultoras empresariais, debatiam as diferentes dimensões da discriminação da mulher no trabalho. Na verdade, foram dois dias inteiros de debates sem qualquer menção sobre a situação da mulher negra no trabalho. A grande incoerência é que, poucas semanas antes desse seminário, havia sido divulgado na grande imprensa do país o Mapa da população negra no mercado de trabalho, no qual a mulher negra foi apontada como o segmento mais discriminado do mercado de trabalho brasileiro. (BENTO, 2002, p.4)

O relato é de uma conferência que aconteceu em 2000, mas a situação pode ser vista ainda hoje. Um exemplo é a luta por salários igualitários nas mesmas funções exercidas por homens e mulheres. A mulher negra não conseguiu nem se igualar em salário com a mulher branca, enquanto a mulher branca, já está lutando pelo direito a ter o mesmo salário do homem branco. Uma preocupação da mulher negra é o genocídio de jovens negros que deixa mães sem

filhos no Rio de Janeiro, por exemplo. Pensar em políticas que diminuam essas perdas não é uma pauta da feminista branca. Apesar das diferentes pautas, das diferentes vivências, a representação do feminino é sempre feita com uma (ou mais) mulher(es) branca(s):

As mulheres negras foram assim postas em vários discursos que deturpam nossa própria realidade: um debate sobre o racismo onde o sujeito é homem negro; um discurso de gênero onde o sujeito é a mulher branca; e um discurso sobre a classe onde “raça” não tem lugar. Nós ocupamos um lugar muito crítico, em teoria. É por causa dessa falta ideológica, argumenta Heidi Safia Mirza (1997) que as mulheres negras habitam um espaço vazio, um espaço que se sobrepõe às margens da “raça” e do gênero, o chamado “terceiro espaço”. Nós habitamos um tipo de vácuo de apagamento e contradição 'sustentado pela polarização do mundo em um lado negro e de outro lado, de mulheres.' (MIRZA, 1997: 4). Nós no meio. Este é, é claro, um dilema teórico sério, em que os conceitos de “raça” e gênero se fundem estreitamente em um só. Tais narrativas separativas mantêm a invisibilidade das mulheres negras nos debates acadêmicos e políticos. (KILOMBA apud RIBEIRO, 2018, p. 38.)

Pensando em entretenimento, vamos falar sobre programas femininos, como o Saia Justa, do canal de TV por assinatura GNT, que possui uma rotatividade de apresentadoras, porém ou apresentam apenas mulheres brancas, ou maioria branca e apenas uma negra, como se fosse uma cota representativa, apenas para ter uma mulher negra no programa. Até mesmo no podcast, área que entraremos mais a frente neste trabalho, há um voltado para mulheres no mercado de trabalho: o Maria vai com as outras. Neste podcast mulheres falam para mulheres sobre suas experiências nas mais diversas áreas de trabalho, falam de machismo, de assédio e tudo que envolve o feminismo. Em sua maioria, mulheres brancas participam do programa e falam de todo tipo de assunto, já as mulheres negras, aparecem para falar de assunto certos: cabelo e racismo. Sueli Carneiro, em seu artigo “Enegrecer o Feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero” fala sobre as diferentes representações dadas a mulheres brancas e negras:

Quando falamos em romper com o mito da rainha do lar, da musa idolatrada dos poetas, de que mulheres estamos falando? As mulheres negras fazem parte de um contingente de mulheres que não são rainhas de nada, que são retratadas como anti musas da sociedade brasileira, porque o modelo estético de mulher é a mulher branca. Quando falamos em garantir as mesmas oportunidades para homens e mulheres no mercado de trabalho, estamos garantindo emprego para que tipo de mulher? Fazemos parte de um contingente de mulheres para as quais os anúncios de emprego destacam a frase: “Exige-se boa aparência”. (CARNEIRO, 2003, p.2)

Além da falta de representatividade em programações ditas femininas, há também a representação como subordinada na dramaturgia. A mulher negra na maior parte das vezes vai ser enquadrada a partir dos estereótipos de empregadas domésticas, mães, negra barraqueira, mulata tipo exportação (hiperssexualização), isso quando não são criminosas, ou esposas de criminosos, que em sua maioria também são representados por negros. A mulher negra, para ser valorizada e bem apresentada na mídia, necessita ser extraordinária, a exemplo da Beyoncé, que faz sucesso no mundo inteiro com seu talento, mas precisou mostrar muito mais do que as outras cantoras americanas brancas para ocupar o seu lugar. Na coleção *Feminismos Plurais*, coordenada por Djamila Ribeiro, o advogado e filósofo Silvio Luiz de Almeida explica “O que é racismo estrutural” no decorrer de sua publicação. Uma de suas exemplificações apresenta esse problema de representação – uma das heranças da escravidão – como algo que é reforçado não só pela mídia (meios de comunicação e indústria cultural), como pelo sistema educacional:

O Racismo constitui todo um complexo imaginário social que a todo momento é reforçado pelos meios de comunicação, pela indústria cultural e pelo sistema educacional. Após anos vendo telenovelas brasileiras um indivíduo vai acabar se convencendo de que mulheres negras têm uma vocação natural para o emprego doméstico (ALMEIDA, 2018, p.51).

No início do século passado, com o fim da República Velha e início do Estado Novo, instaurou-se no Brasil a ideia de uma democracia racial, onde negros e brancos possuíam os mesmos direitos e deveres dentro da sociedade. Na teoria, era tudo lindo. Homens e mulheres negros e brancos poderiam conviver sem discriminação e com as mesmas chances na vida. Na prática, no entanto, a história era outra. Os negros seguiram sendo subjugados e as mulheres negras cada vez mais silenciadas, ocupando apenas os espaços já citados, com status de subalternidade e hiperssexualização. A sociedade fez com que essas representações fossem tão reforçadas ao ponto fazer com que os indivíduos achem comum que a mulher negra seja representada apenas desta forma.

Em *Intelectuais negras*, bell hooks fala sobre o quanto as mulheres negras foram construídas ligadas ao corpo e não ao pensar, em um contexto racista. A pensadora afirma que a combinação entre racismo e sexismo implica em sermos vistas como intrusas por pessoas de mentalidade estreita (HOOKS apud RIBEIRO, 2018, p. 28)



Como as mulheres negras nunca foram vistas ou representadas como heroínas, grandes cientistas ou mesmo detentoras de propriedades intelectuais diversas, é comum que, a partir desta visão, os programas voltados às mulheres se atenham a apresentá-las apenas para falar de pautas identitárias.

## **2.2 Interseccionalidade e racismo estrutural**

A mulher negra não é só uma mulher que pode fazer parte do movimento feminista, assim como também não é só uma pessoa negra que pode fazer parte do movimento antirracista. Ela não sofre apenas por ser uma mulher, ou por ser uma pessoa negra. A mulher negra possui o que chamamos de interseccionalidade, que é quando a pessoa sofre com mais de uma opressão na sociedade, que pode ser não apenas entre raça e gênero, mas também, de classe social, sexualidade, etnia entre outros. Neste subcapítulo vamos focar na interseccionalidade de raça e gênero e, por vezes, citar a de classe, que é a que também atinge a mulher negra. Para melhor explicarmos o que é interseccionalidade, usaremos a definição de Kimberlé Crenshaw, no Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero:

Ela (a interseccionalidade) trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raça, etnia, classe e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos. do desempoderamento. (CRENSHAW, 2002, p.177)

A interseccionalidade é, por diversas vezes, ignorada nos movimentos sociais identitários e também na esfera da política pública, que opta por tratar a interseccionalidade dentro de um ou outro aspecto da mesma, nunca como deve ser tratada. Carla Akotirene (2018) usa um conceito de ‘superinclusão’ de Kimberlé Crenshaw para explicar como as nações tentam resolver suas problemáticas “na medida em que um problema interseccional é absorvido pela estrutura de gênero sem investigar outras estruturas como o racismo e o heterossexismo” (AKOTIRENE, 2018, p. 67). Por exemplo, uma mulher negra e lésbica foi assassinada. O caso pode ser tratado como feminicídio, como crime de racismo ou crime de homofobia, mas nunca pelos três juntos. Aquela mulher assassinada não era apenas uma mulher, nem mesmo só mais

um corpo preto, ou apenas um corpo homossexual, ela está atravessada por essas intersecções, que ainda podem ser somadas à de classe e outras que atingem diretamente sua vida.

As leis antiracistas assim como as pautas do movimento negro também ignoram o marcador de gênero informante da opressão, assim como nos movimentos feministas, a insistência pelo marcador de gênero não enxerga a raça, acentuando as experiências de opressão feminizadas (AKOTIRENE, 2018, p.61)

Todas as questões que envolvem a interseccionalidade e trazem malefícios no tratamento da mulher negra podem ser entendidas através da explicação do racismo estrutural. A sociedade se criou em cima do estereótipo de força da mulher negra, que chega a descaracterizá-la como mulher. Silvio Luiz de Almeida (2018) discorre sobre a questão do racismo estrutural que atinge homens, mulheres e crianças negras de formas bem diferentes. As crianças convivem com pouco acesso à educação e a falta de representação positiva nos materiais didático. Os homens se veem representados como pessoas cuja “personalidade oscila invariavelmente entre criminoso e homens extremamente ingênuos” (ALMEIDA, 2018, p. 51). E as mulheres, que quando lembradas e postas em alguma posição, são postas em posições subalternas. Almeida explica que a perpetuação das representações racistas se deve ao fato de que o “racismo é uma ideologia, desde que se considere que toda ideologia só pode subsistir se estiver ancorada em práticas sociais concretas”, ou seja, a arte imitando a vida. Quando a sociedade está cercada de discriminações veladas, raramente haverá incômodo em ver a representação da população negra sempre estereotipada.

### **2.3. “Falar não se restringe ao fato de emitir palavras, mas de poder existir.”<sup>4</sup>**

Deixa a mulher preta falar!

No decorrer do capítulo, pudemos ver algumas questões que contribuem para o silenciamento da mulher negra. A intersecção na pauta identitária coloca a mulher negra em segundo plano quando permite que mulheres brancas falem sempre à frente do feminismo e homens negros à frente do movimento antirracista. Mas só a mulher preta pode falar com propriedade e conhecimento de causa sobre as pautas da mulher preta. É aí que entra o Lugar de fala.

---

<sup>4</sup> (RIBEIRO, 2018, p. 64)

A academia está repleta de homens brancos cisgêneros heterossexuais que desde sempre ditaram o que era ciência e como ela era feita. Não só na academia, mas também nas redações jornalísticas, a quantidade de negros colunistas de jornais é infinitamente menor que a de brancos no Brasil. Se levarmos em consideração apenas as mulheres negras, o número é quase nulo. As mulheres brancas estão ainda em maior número que os homens negros. Segundo os dados da pesquisa “Jornalismo Brasileiro: gênero e cor/raça dos colunistas dos principais jornais do país” (2017) do Grupo de Estudos Multidisciplinares em Ações Afirmativas, Gemaa, nos jornais O Globo, Folha de São Paulo e Estadão há apenas 4%, 0% e 1% de mulheres negras colunistas, respectivamente.

E não é questão de mérito ou aquele discursinho “faltam (insira aqui um grupo marginalizado) nas redações pois eles não se interessam por esse trabalho ou não são capazes de realizá-lo”. Esses dados são prova de uma sociedade estruturalmente racista e machista, que põe homens brancos como superiores e mulheres negras como inferiores a todos.

Minha mãe costumava dizer que a mulher negra é a mula do homem branco e que a mulher branca é o seu cachorro. Agora, ela disse isso para dizer o seguinte: nós fazemos o trabalho pesado e apanhamos, quer façamos um bom trabalho ou não. Mas a mulher branca está mais próxima do patrão, e ele faz um carinho em sua cabeça e a deixa dormir dentro de casa, mas não vai tratar nenhuma das duas como se estivesse lidando com uma pessoa. (GWALTNEY apud COLLINS, 2016, p.103)

Se somos privadas de sermos mulheres negras acadêmicas, ou mesmo jornalistas, formadoras de opinião negras, fica difícil mostrar aos nossos iguais, que temos voz. Grada Kilomba em seu livro *Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano* discorre sobre as reações à sua produção como acadêmica:

É comum dizerem que meu trabalho acerca do racismo cotidiano é muito interessante, porém, não muito científico. Tal observação ilustra a ordem colonial a qual intelectuais negras/os residem: “Você tem uma perspectiva demasiado subjetiva”; “muito pessoal”; “muito emocional”; “muito específicas”; “esses são fatos objetivos?”. Tais comentários funcionam como uma máscara que silencia nossas vozes assim que falamos. Eles permitem que os sujeitos brancos posicionem nossos discursos de volta nas margens, como conhecimento desviante, enquanto seus discursos se conservam no centro, como norma. Quando eles falam, é científico, quando nós falamos é acientífico. (KILOMBA, 2019, p.49).

Audre Lorde, em seu artigo “Idade, raça, classe e gênero: mulheres redefinindo a diferença” discorre rapidamente sobre a invisibilização das mulheres negras escritoras nos cursos de literatura e outros.

A literatura de mulheres de Cor raramente é incluída nos cursos de literatura de mulheres e, praticamente nunca em outros cursos de literatura ou nos estudos gerais sobre mulheres. A recusa é muitas vezes justificada pelo fato de que "apenas mulheres de Cor" podem ensinar essa literatura, ou que é muito difícil de compreender, ou que não se pode acessar uma experiência "tão diferente". (LORDE, 2015, n.p)

No Livro *O que é Lugar de fala?* Djamila Ribeiro, já no último capítulo, explica que “pensar lugar de fala seria romper com o silêncio instituído para quem foi subalternizado, um movimento no sentido de romper com a hierarquia”(RIBEIRO, 2018, p. 90). O SILENCIADAS chega com o objetivo de mostrar que as mulheres negras possuem lugar de falar e que possuem voz, para transformar outros locais em seu local de costume. Ainda de acordo com Djamila Ribeiro

O lugar social não determina uma consciência discursiva sobre esse lugar. Porém, o lugar que ocupamos socialmente nos faz ter experiências distintas e outras perspectivas. A teoria do ponto de vista feminista e lugar de fala nos faz refutar uma visão universal de mulher e de negritude, e outras identidades, assim como faz com que homens brancos, que se pensam universais, se racializem, entendam o que significa ser branco como metáfora do poder, como nos ensina Kilomba. (RIBEIRO, 2018, p.69).

Conforme já dissertamos neste trabalho, a mulher negra é constantemente impedida de se pôr como formadora de opinião na sociedade, de se apresentar como ser pensante e capaz de falar por si. a sociedade de forma geral prática o silenciamento de diversas formas, dentre elas a morte.

Os dados do Atlas da violência<sup>5</sup> apontam que em 2017, no Brasil, um total de 3288 mulheres negras foram assassinadas, contra 1544 de mulheres brancas, no mesmo período. A mesma pesquisa traça um comparativo dos índices de homicídios de mulheres brancas e negras no período entre 2007 e 2017, alarmando a situação da mulher negra no país. Com os estudos mostrando que as mulheres negras estão sendo mortas 2,13 vezes mais do que as mulheres

---

<sup>5</sup> Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/download/19/atlas-da-violencia-2019> Acesso em: 13 de Agosto de 2019.

brancas, se torna mais do que necessário que as políticas públicas de segurança contra a violência sofrida pela mulher levem em consideração a questão da interseccionalidade.

Não é especificado no Atlas da Violência (2017) os dados referentes a mortes de pessoas trans, no entanto a ANTRA, Associação Nacional de Travestis e Transsexuais do Brasil, realiza uma coleta anual de dados sobre violência e assassinato de trans. No “Mapa dos assassinatos de Travestis e Transsexuais no Brasil em 2017”<sup>6</sup>, é informado que 179 pessoas trans foram assassinadas, dentre eles, 169 eram mulheres trans ou travestis, e no “Dossiê: Assassinato e violência contra travestis e transexuais no Brasil em 2018”<sup>7</sup> apresenta que em 2018 o número diminui para 163 pessoas trans assassinadas, sendo 158 mulheres trans ou travestis naquele ano, e que 82% dessas pessoas eram negras ou pardas. Ambos os relatórios fazem uma análise relacionada a raça e mostram que, em 2017, 80% das pessoas trans assassinadas eram negras ou pardas e que em 2018 esse percentual subiu para 82%.

Enquanto mulheres negras cis e trans não são ouvidas e são mortas, quem faz essas políticas de segurança são homens brancos, às vezes, algumas mulheres brancas, que optam por focar apenas no número de 4832 mulheres cis assassinadas, sem inserir as mulheres trans e se questionar quem são, de onde vêm, qual sua raça, sua sexualidade e outros pontos, antes de criar uma política que beneficie as mulheres, partindo de suas visões de mundo como brancas de classe média alta.

A interseccionalidade baseada no feminismo negro conta dos porquês de mulheres brancas poderem representar judicialmente as mulheres de cor, bem como os homens negros poderem representar toda a comunidade negra na Corte, enquanto as mulheres negras, segundo Crenshaw, não estarem elegíveis para demarcar a própria experiência particular da discriminação sem que suas causas fossem indeferidas (AKOTIRENE, 2018, p.59)

A falta de entendimento sobre as questões de interseccionalidades pode ser considerado um dos principais motivos de silenciamento da mulher negra, seja ela cis ou trans, que já configura outro ponto dentro do campo interseccionalidades que nos cerca. A ausência de políticas de enfrentamento, por exemplo, do alto índice de assassinatos de Mulheres negras é resultado de uma política de superinclusão que não enxerga a mulher preta como ela é.

---

<sup>6</sup> Disponível em: <https://antrabrazil.files.wordpress.com/2018/02/relatc3b3rio-mapa-dos-assassinatos-2017-antra.pdf> Acesso em: 11 de Novembro de 2019.

<sup>7</sup> Disponível em: <https://antrabrazil.files.wordpress.com/2019/01/dossie-dos-assassinatos-e-violencia-contra-pessoas-trans-em-2018.pdf> Acesso em: 11 de Novembro de 2019

### **3. SILENCIADAS: a voz da mulher negra em formato de podcast**

O projeto em formato de podcast, levou o nome de SILENCIADAS por tudo aquilo que já mostramos nesse trabalho.

No Brasil, nos últimos anos, o podcast ganhou o seu boom. Deixou de ser uma mídia cujo formato interessava apenas aos "nerds" e começou a atingir os mais diversos nichos: o jornalismo é um deles. O boom pôde ser sentido um pouquinho tarde, mas desde 2006 existe uma Associação Brasileira de Podcasters, que tem “o objetivo de coordenar, orientar e representar locutores, produtores, comentaristas e divulgadores do Podcast brasileiro.”<sup>8</sup>

Neste relatório falarei rapidamente sobre o que é o podcast e depois seguiremos mais a fundo no SILENCIADAS.

Podcasts são programas de áudio ou vídeo, cuja principal característica é um formato de distribuição chamado podcasting. Podcasting é um meio de publicação de arquivos de mídia digital através de feed RSS, o que permite aos seus assinantes o acompanhamento ou download automático do conteúdo à medida que é atualizado.<sup>9</sup>

De acordo com a análise dos dados da PodPesquisa 2018<sup>10</sup>, pode-se dizer que o perfil do brasileiro que ouve podcast é de homens cis, com idade entre 20 e 39 anos, solteiros, com ensino superior em curso ou completo e interessados pela área tecnológica. Esse perfil nada tem a ver com o SILENCIADAS, correto? Corretíssimo. A ideia é atingir o público não padrão de podcast. O perfil pode ser majoritariamente cis-masculino, mas ainda há um bom número de mulheres que acompanham e utilizam essa tecnologia. E aí fica o questionamento: Porque criar esse podcast?

#### **3.1 Por que criar esse podcast?**

Não é nem nunca foi fácil a situação das mulheres negras. O nome SILENCIADAS não trata de querer silenciar ainda mais, muito pelo contrário, o

---

<sup>8</sup> Disponível em: <http://abpod.com.br/about/> Acesso em: 11 de Novembro de 2019

<sup>9</sup> Definição do site da Associação Brasileira de Podcasters. Disponível em: <http://abpod.com.br/o-que-e-podcast/> Acesso em: 11 de Novembro de 2019

<sup>10</sup> Pesquisa realizada pela ABPod. Disponível em: <http://abpod.com.br/podpesquisa/> Acesso em: 11 de Novembro de 2019

podcast foi nomeado de forma a caracterizar esse apagamento e silenciamento da mulher negra. A ideia fundamental é dar voz a essas mulheres. Sendo o objetivo “dar voz”, cito um trecho da música “Afrontamento”, da rapper Tássia Reis:

Um quadro triste e realista  
Na sociedade machista  
As oportunidades são racistas  
São dois pontos a menos pra mim  
É difícil jogar quando as regras  
Servem pra (sic) decretar o meu fim<sup>11</sup>

O trecho da música trata não só do racismo cotidiano, mas também da questão do machismo na sociedade e do quanto a mulher negra carrega todo esse peso. A mulher negra é categorizada como qualquer coisa, menos a mulher que é ouvida. Em uma rápida pesquisa sobre como poderia trabalhar a questão do silenciamento, dados apareceram após para comprovar a tese. No mercado de trabalho, por exemplo, o estudo de caso “O Desafio da Inclusão”, que usou dados da Pnad Contínua, mostra que mulheres negras com ensino superior chegam a receber em média 43% menos que homens brancos<sup>12</sup>.

Dar espaço para que as mulheres negras potencializem sua voz se tornou ainda mais necessário quando, seguindo a pesquisa, busquei pela jornalista Camila Silva, que fazia parte do time de jornalistas do esporte da Globo e foi movida para as madrugadas de São Paulo, faltando cerca de um mês para o início da Copa do Mundo de 2018. Meses depois, Camila foi demitida. Em declaração ao Uol Esportes, Camila contou uma das situações de preconceito em que foi alvo:

Quando fui trabalhar na madrugada, um cinegrafista muito amigo meu perguntou: ‘Vão te colocar na madrugada? Essa gente está maluca? De noite, como vão fazer para trabalhar a luz com você?’. A preocupação dele era que eu era negra e que eu não ia aparecer. Obviamente deu tudo certo, mas quando ele falou pensei: ‘O que as pessoas acham que eu sou? Eu sou só negra’, mas estamos interiorizados com a história de as pessoas que trabalham no vídeo serem brancas.<sup>13</sup>

---

<sup>11</sup>Afrontamento - Tássia Reis. Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/tassia-reis/afrontamento.html>. Acesso em: 13 de Agosto de 2019

<sup>12</sup> Mulher negra graduada no Brasil recebe 43% do salário de homem branco. Disponível em: [https://www.huffpostbrasil.com/2017/11/16/mulher-negra-graduada-no-brasil-recebe-43-do-salario-de-homem-branco\\_a\\_23279872/](https://www.huffpostbrasil.com/2017/11/16/mulher-negra-graduada-no-brasil-recebe-43-do-salario-de-homem-branco_a_23279872/). Acesso em: 14 de Novembro de 2019

<sup>13</sup> Repórter Camila Silva fala sobre demissão da Globo: “Muita gente não gostava do meu estilo” Disponível em: <https://observatoriodatelevisao.bol.uol.com.br/noticia-da-tv/2018/11/reporter-camila-silva-fala-sobre-demissao-da-globo-muita-gente-nao-gostava-do-meu-estilo>. Acesso em: 13 de Agosto de 2019.

Outro fator fundamental para a escolha do tema, bem como a opção por um podcast, foi o “Maria vai com as outras” da revista Piauí (já citado rapidamente anteriormente neste trabalho). O programa tem a proposta de ouvir e debater as experiências de mulheres no mercado de trabalho e, em suas três temporadas, possui maioria branca, na participação. Também chamou a atenção o fato de que episódios em que mulheres negras aparecem o tema tratado está muito ligado ao racismo, cabelos crespos e padrões de beleza. Esses números evidenciam um movimento que não é novo na mídia brasileira: pessoas negras, geralmente, só são chamadas para debates quando o tema central é racismo ou negritude. O Dia da Consciência Negra e o Carnaval também são datas em que as produções de programas de TV e editores de redações de jornais e revistas lembram-se de negros enquanto produtores de conhecimento.

Ainda que a discussão desses tópicos seja de extrema relevância, é inquietante o sistemático apagamento do conhecimento de negras e negras em outras áreas. No caso específico do “Maria vai com as outras”, é grave observar um feminismo que ainda hoje é pautado pelas experiências de mulheres brancas e que peca em fazer recortes de raça e classe ou, pelo menos, incluir mulheres negras na discussão. E o SILENCIADAS é, também, uma resposta a isso.

### **3.2 Produção e pós-produção**

Pensei muito sobre o fato de que a ideia de um trabalho de conclusão de curso deveria surgir de coisas que aprendemos e vimos na universidade em nosso período de formação. Hoje, enquanto pesquiso, escrevo e produzo esse trabalho, percebo que não. Eu não ouvi falar de podcast durante a graduação, e também não estudei a forma como isso é feito. Além do fato de mal ouvir falar sobre temáticas de negritude, ou mesmo ler autores negros. Mulheres negras então, nem se fala. Apenas em minha última disciplina cursada tive acesso a elas. A produção do SILENCIADAS partiu de uma oficina de podcast, que realizei no SESC, com menos de 20 horas de curso intensivo pude entender melhor como e do que eu precisava para fazer o meu podcast.

Para começar, foi necessário reorganizar o que seria entregue e como seria entregue. Para que a banca possa analisar o trabalho, está sendo entregue junto a este relatório uma entrevista realizada com a repórter da TV Globo, Ana Paula Santos. Acho importante frisar que esta não será publicada oficialmente como parte do SILENCIADAS, projeto que sairá do



papel, pois se trata apenas de uma entrevista acadêmica, sem autorização de ser utilizada para outros fins. Além disso, o episódio inicial do podcast também será entregue.

No episódio piloto, trabalhei com relatos. Esse episódio me servirá de fundamentação para a necessidade de existência desse espaço de diálogo e reflexão entre mulheres negras. Saiba que muitas mulheres negras sofrem situações de silenciamentos e esse primeiro episódio do podcast vai trazer alguns relatos reais de silenciamento. As mulheres pretas até aqui entrevistadas foram, em sua maioria, abordadas durante eventos, aulas ou cursos. Todas receberam uma pequena explicação sobre o projeto e tive em suas reações a certeza de que ele era necessário. Uma das entrevistadas teve uma reação surpreendente, ao me contar sobre seu projeto de audiobook chamado "Voz Negra". "Uau! Nossos projetos falam de voz", apontou Gabiá Santos, empolgada e pronta para me ajudar nessa empreitada.<sup>14</sup>

A maioria das mulheres que deram seu relato teve uma dificuldade em comum: "preciso pensar em qual história contar", foi algo dito pela maioria. Essas mulheres já passaram por tantos casos de silenciamento, que hoje têm dificuldade em escolher um para contar ao podcast. Algumas falaram de infância, outras de trabalhos, do meio acadêmico, de assédio, entre outros temas que pretendo tratar no podcast em sua versão pós-TCC.

O primeiros relatos que coletei foram da Camila e da Irene, que conheci na oficina de podcast no SESC. Nós fomos do mesmo grupo de criação de podcast, onde fizemos um episódio sobre Racismo no Futebol e aproveitei a oportunidade para conversar com as meninas e convidar para participarem do projeto. Elas toparam na hora, mas, na correria, optaram por me enviar o relato posteriormente. Cada uma contou seu relato de um ponto de vista diferente. A Irene era uma gerente de loja subjugada por uma cliente, enquanto a Camila, uma paciente, que não foi ouvida por um médico.

Seguindo na busca por relatos, aproveitei a Semana da Diversidade para encontrar novas vozes e novos rostos para o SILENCIADAS. As três primeiras que toparam falar fizeram parte da mesa de debate sobre Coletivos Negros nas Universidades. Carolina Pontes, a mediadora da mesa é estudante da ECO e, assim que eu a convidei, junto com a Mariana Galdino, estudante de Direito da UERJ, topou participar e gostou muito do projeto. Enquanto procurávamos um local silencioso para gravar, ela e Mariana aproveitaram para chamar a Edilana, que também é da ECO/UFRJ e participou da mesa. Mariana relatou inclusive que o silenciamento da mulher negra é algo sobre o que ela estava pensando muito nos últimos dias, pois sentia que estava

---

<sup>14</sup> Entrevista dada a autora, Rio de Janeiro, dia 5 de Novembro de 2019

sendo silenciada. Além disso, ela ainda me indicou, como leitura para auxiliar o processo, o livro “*Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano*”, de Grada Kilomba (2019), que já fazia parte da bibliografia deste trabalho. As meninas contaram suas histórias e as três focaram na infância, sendo um relato sobre assédio policial, outro sobre ofensa e agressão física e o terceiro sobre apagamentos de referências e representatividades na infância. É duro ouvir, assim como é duro lembrar. No mesmo dia, conheci a Gabiá, a menina a quem me referi mais acima, que possui um projeto que também se relaciona à voz.

No dia seguinte, novamente aproveitei as mulheres negras que foram protagonistas das mesas do terceiro dia de semana. Primeiro conheci a Taiane, vulgo Mototai. Ela é poeta de slam e fez parte da mesa de poetas lésbicas. Um pouco na correria ela tirou um tempinho para me falar sobre como o silenciamento age na sua vida. Mais tarde, na mesa sobre Cotas, Maternidade, e Acessibilidade na Universidade, conversei com mais dois mulherões que deixaram os ouvintes da mesa boquiabertos de tanto conhecimento que tinha para expor: A Lilian Barbosa e a Raika Moisés. Essa mesa de debates rendeu tanto que acabou bem tarde, então, corri para conseguir os depoimentos delas. A Lilian havia passado por uma situação de silenciamento no mesmo dia, a situação não havia nem assentado ainda e a Raika optou por falar sobre como o racismo estrutural a silencia. Já no terceiro dia de colaboração com o evento, mais três pessoas foram entrevistadas: Nathália Braga, e Ana Claudino, youtubers, e Stephanie Andreas, que está nos preparativos para trazer mais um podcast feito por mulher preta.

Já no episódio de entrevista, com a repórter Ana Paula Santos, falamos sobre muito mais. Ana Paula me contou sua vida. A forma como a entrevista foi realizada exprimiu bem o que me vinha à mente quando eu pensava em um podcast. A entrevistada pôde falar sobre o que queria, enquanto eu fazia alguns direcionamentos, pedia para que falasse sobre algumas questões específicas e a deixava à vontade, para discorrer sobre o assunto da forma que achasse melhor. Falamos de sua vida, carreira, família, vida acadêmica e, só próximo do fim da entrevista, fomos falar de racismo. O SILENCIADAS não é um podcast sobre racismo, por esse motivo, o tema entra em segundo plano, o principal aqui é ouvir essas mulheres. Saber o que elas têm a dizer.

Além do episódio e do relatório, a banca também recebeu o perfil do Instagram do SILENCIADAS, que uma semana antes da defesa terá postagens diárias explicando o projeto e com trechos de músicas, livros ou poemas que tratam de mulheres negras. As redes sociais serão

a principal forma de divulgação do podcast, a ideia é que ele comece a mexer com o imaginário do seu público antes de ser oficialmente público em uma plataforma de streaming.

Pensando em planejamento, o SILENCIADAS será um periódico quinzenal com dez episódios por temporada. A primeira temporada vai ser mista. Com o objetivo de entender melhor o público, serão feitos cinco episódios com entrevistas e mais cinco com histórias contadas, que podem ou não ser contadas por mim. A ideia é entrevistar cinco mulheres que contarão das histórias de suas vidas, sem temática específica, podendo ser uma grande empresária, ou uma avó que cuida dos netos. E, nos episódios de histórias contadas, trarei mulheres negras que mudaram a vida de alguém. Famosas ou anônimas. A partir do resultado obtido com a primeira temporada, será pensada a melhor forma de trabalhar a segunda.

### **3.3 Desafios e bastidores: não é fácil fazer trabalho prático**

Realizar um trabalho prático que não depende apenas da autora é carregado de dificuldades e de poréns, principalmente quando a necessidade é colher entrevistas. Por mais que muitas mulheres tenham achado a ideia boa, um número alto optou por não participar por julgar não ser “a pessoa ideal” ou mesmo por medo de gatilhos e de relembrar suas situações silenciamento. No início da produção, a dificuldade estava maior e com o tempo fui mudando a abordagem, vendo uma forma melhor de explicar o trabalho e atuando na captação em locais específicos, com pessoas mais propensas a aceitar falar do tema, como a própria universidade.

Além das questões externas, havia o problema principal: a autora do podcast não saber mexer em programas de edição de áudio. Mas esse, assim como o outro problema, foi resolvido com o tempo. Um oficina de podcast realizada pelo Sesc de Madureira auxiliou muito na introdução ao programa Audacity, que é o software utilizado para a edição dos episódios enviados a banca.

A questão emotiva/sentimental também foi pauta importante dentro dos desafios de realizar o trabalho. Eu, a autora deste projeto, sou uma mulher negra, que teve a ideia a partir do momento em que percebeu as diversas situações de silenciamento que havia passado, principalmente na vida acadêmica e profissional. Logo, a temática me atinge de muitas formas. Alguns dos relatos feitos causavam o nó na garganta, a respiração profunda e a tentativa de se desculpar, por pedir que uma entrevistada se lembrasse de algo tão difícil.

A montagem e a edição do teaser foram feitas com o software Audacity, e os áudios externos utilizados foram retirados do site Free Music Archive, um site com sons livres de direitos autorais. A produção, a montagem e a edição do episódio foram feitas por mim, criadora do podcast. Idealizar como seria o podcast foi a parte mais fácil, montar foi bem complicado. Foram horas sentada em frente ao computador para conseguir fazer a abertura do episódio que chegasse próxima do que eu havia pensado. Fazendo uma referência ao podcast Presidente da Semana, optei por mesclar as vozes das entrevistadas na abertura, ecoando-as logo no início do teaser.

O episódio piloto, com a repórter Ana Paula Santos, foi gravado no dia 26 de setembro, no Jardim Botânico, no Rio de Janeiro. A repórter já havia aceitado participar do podcast a cerca de 1 mês e um fato curioso é que ela pedia o tempo todo para que eu não a deixasse esquecer que precisava definir uma data. Enfim, data definida e vamos a entrevista. Relatório para anotações com papel timbrado do SILENCIADAS pronto, lista de temas a serem tratados impressa, prancheta, gravador e câmera fotográfica na bolsa. Tudo certo para a entrevista e choveu no Rio. Ônibus atrasados e por fim, terminei correndo de salto tratorado nas ruas do Jardim Botânico para não chegar tão atrasada na entrevista. A Ana, no entanto, foi muito compreensiva e então realizamos a nossa entrevista.

Anteriormente contei sobre as entrevistas realizadas durante a Semana da Diversidade, porém o foco foi as entrevistadas. O que faltou dizer foi que quem não era abordado, vindo aquilo de fora, estava achando tudo muito estranho. Acabava uma mesa de debates ou uma roda de conversa e, do nada, surgia uma garota com gravador na mão e alguém com uma câmera a tiracolo. Levava a pessoa para um cantinho e depois fazia uma foto onde todas saíam de cara fechada. Olhando de fora eu também acharia isso, no mínimo, estranho.

A ideia era que tivéssemos muito mais relatos do que temos, mas um dos principais desafios, sobretudo em relação aos que não encontrei pessoalmente, era o retorno. Algumas pessoas topavam, outras ignoravam completamente e outras diziam o famoso “vou ver e te falo”.

#### 4. CONCLUSÃO

Ao fim, o trabalho chegou aonde precisava: alertou sobre a necessidade de se pensar a interseccionalidade como pauta forte e presente no racismo estrutural. Pensar o silenciamento da mulher negra vai além da pesquisa realizada neste trabalho. No entanto, aqui foi possível embasar as formas e motivos pelos quais a mulher negra é silenciada pela sociedade patriarcal e branca.

O trabalho cumpriu o objetivo a que se propôs, trazendo literaturas referentes à temática da mulher negra silenciada e tudo aquilo que é capaz de influenciar nesse silenciamento. Ele traz dados referentes às mulheres negras cis e trans, reafirmando como o silenciamento possui vários formatos: ora calando, ora representando de forma pejorativa ou mesmo tirando suas vidas. Também foram apresentados dados referentes à formação de opinião no Brasil, que é feita majoritariamente por pessoas brancas, e dados de trabalho e emprego, mostrando a desvalorização da mulher negra no mercado.

A pesquisa sobre o assunto ainda pode ser muito ampla, indo mais fundo nas outras interseccionalidades que podem afetar a mulher negra. Ainda que o trabalho tenha cumprido em vias de fundamentação teórica o que se propôs, ainda há muito o que se trabalhar relacionado a esse tema, como por exemplo "Quem ouve a mulher negra e pobre?"; "Quem fala pela mulher negra e lésbica?"; "Quem está à frente do movimento de mulheres negras mães?". Isso e muito mais é parte de um macro que é invisibilizada e vista apenas como um de seus vários elementos.

Apesar de criar o episódio piloto e um teaser do podcast que vai ao ar, prometido desde o início deste trabalho, o SILENCIADAS não acaba por aqui. O projeto ainda segue para uma temporada completa, com 10 episódios, conforme planejado, no entanto, fora do ambiente acadêmico.

Por fim, o trabalho chega à conclusão de que a mulher negra é silenciada, no entanto, sua produção acadêmica e conseqüentemente sua voz, estão se tornando mais fortes e ecoando ainda mais. Siga na luta, e não se cale.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AKOTIRENE, Carla. **O que é interseccionalidade?**. Coleção Feminismos Plurais. Belo Horizonte (MG). Letramento, 2018
- ALMEIDA, Sílvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?**. Coleção Feminismos Plurais. Belo Horizonte (MG). Letramento, 2018
- BENEVIDES, Bruna. **Mapa dos assassinatos de Travestis e Transexuais no Brasil em 2017**. Brasília. Secretária de Articulação Política da ANTRA. 2017
- BENEVIDES, Bruna e NOGUEIRA, Sayonara N. B. **Dossiê dos Assassinatos e da violência contra Travestis e Transexuais no Brasil em 2018**. Brasília ANTRA - Associação Nacional de Travestis e Transsexuais do Brasil e IBTE Instituto Brasileiro Trans Educação, 2018
- BENTO, Maria Aparecida Silva. Branqueamento e Branquitude no Brasil. Psicologia Social do Racismo – Estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil / Iray Carone, Maria Aparecida, 2002
- CANDIDO, Marcia Rangel; JÚNIOR, João Feres. Jornalismo Brasileiro: gênero e cor/raça dos colonistas dos principais jornais do país. Rio de Janeiro. GEMAA/IESP/UERJ, 2017.
- CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. In: ASHOKA EMPREENDEDORES SOCIAIS; TAKANO CIDADANIA (Orgs.). **Racismos contemporâneos**. Rio de Janeiro: Takano Ed. Cidadania, 2003.
- CARDOSO, Cláudia Pons. Outras falas: feminismos na perspectiva de mulheres negras brasileiras UFBA. Salvador, 2012.
- CERQUEIRA, Daniel et al. **Atlas da Violência**. Brasília: Rio de Janeiro: São Paulo. IPEA - Instituto de Pesquisa e Economia Aplicada, 2019.
- COLLINS, Patricia Hill. Aprendendo a ser *outsider within*. **Revista Sociedade e Estado** v.31 n. 1. 2016.
- CRENSHAW, Kimberlé. Documento para encontro de especialistas em discriminação racial relativa ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, v. 10. n. 1. 2002.
- DAVIS, Angela. **Mulheres, Raça e Classe**. 1ª ed. - São Paulo: Boitempo, 2016.
- KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano**. 1ª ed. Rio de Janeiro. Editora Cobogó, 2019
- KILOMBA, Grada. Descolonizando o conhecimento: uma Palestra-Performance de Grada Kilomba. Tradução: Jéssica Oliveira
- LORDE, Audre. Idade, raça, classe e gênero: mulheres redefinindo a diferença. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). **Pensamento Feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019.
- RIBEIRO, Djamila. **O que é Lugar de Fala?** Coleção Feminismos Plurais. Belo Horizonte (MG). Letramento, 2018

SANTOS, Claudia Santiago. Escravas do desejo. Estratégias de liberdade e sobrevivência na sociedade escravista. XXVIII Simpósio Nacional de História. Lugares dos historiadores: velhos e novos desafios. Florianópolis (SC), 2015.